

DA AUTORA DA DUOLOGIA
ENTRE AMORES E PÓ DE FADA



O RENASCER

Livro II

SUSANA SOUSA

O RENASCER DE UM MUNDO COBERTO
PELAS CINZAS DO PASSADO



Título Original: O Renascer

Autora: Susana Sousa

Copyright © Susana Sousa

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Revisão: Tânia Roberto e Ana Domingues

Edição: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Tânia Roberto e Iara Andrade

Imagem de Capa: Canva

1ª Edição: março de 2024

Acabamento/Impressão: Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 529509/24

ISBN: 978-940-3733-14-2





*Para todos os que acreditam em segundas oportunidades
E a ti, tu sabes quem és, por me mostrares que finais felizes não existem só nos livros*

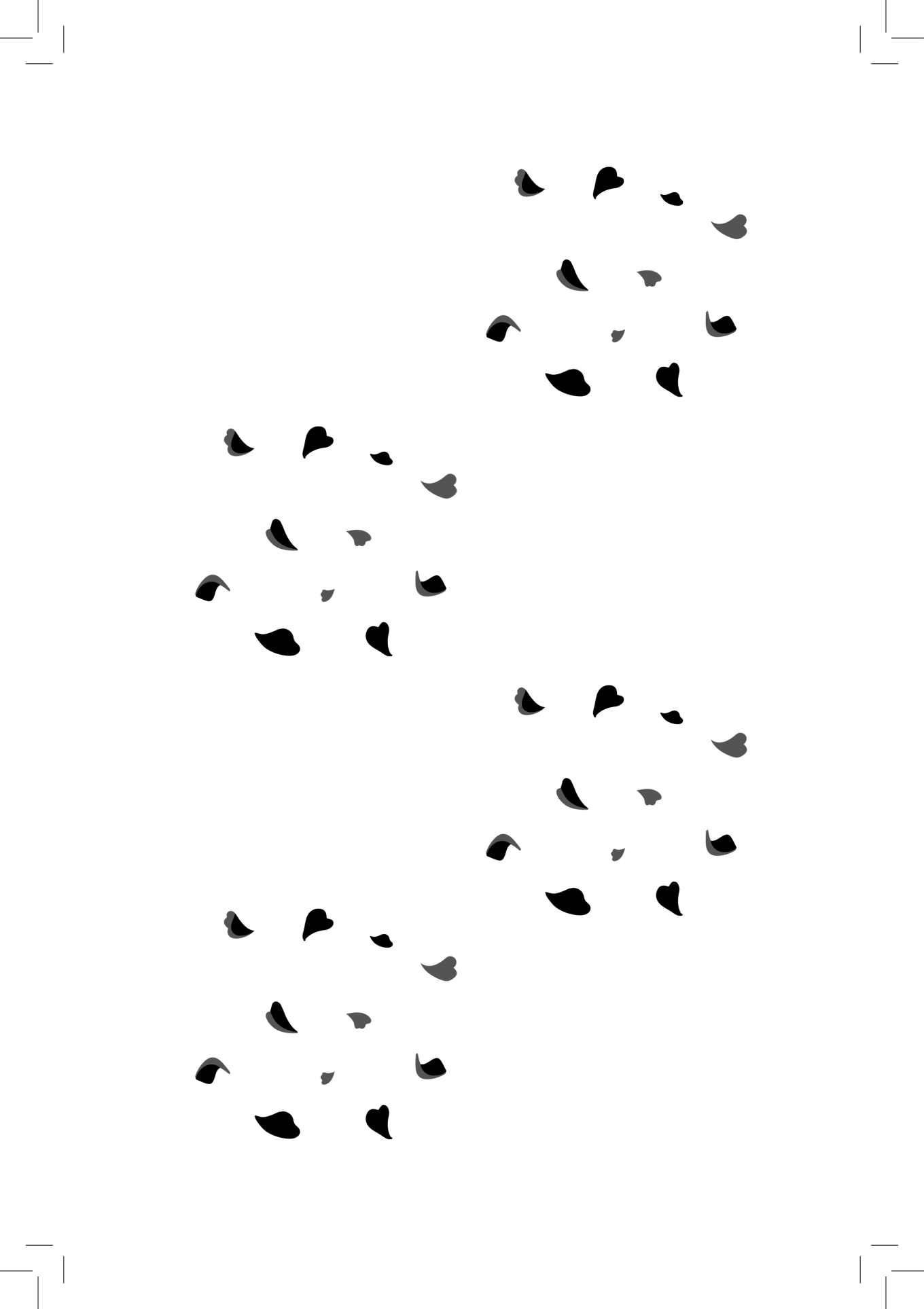


PLAYLIST



TRIGGER WAIRNINGS

MORTE;
VIOLÊNCIA;
PRECONCEITO



Capítulo 1

Ámon

— **A** HELENA ESTÁ MORTA — grita Fëanor vitorioso.
Todos festejam, mas fixo o olhar em Áurea, tombada no chão, imóvel.

Olho de soslaio para Maya que não desprende os olhos daquela cena. Numa sintonia quase perfeita, corremos em direção ao corpo imóvel de Áurea. Nesse momento, o tumulto cessa.

— Áurea, minha menina, conseguiste, agora acorda. Por favor, acorda!

— Maya deixa-se cair de joelhos junto de Áurea, acariciando-lhe a face, um gesto que não provoca qualquer reação no corpo inanimado. Ajoelho-me também, e Maya encara-me, olhos marejados de lágrimas. Não, não pode ser, afasto-a de forma brusca e agarro o corpo de Áurea, mas não há movimento. Não deteto respiração, não sinto o batimento cardíaco, e por um momento, acho que paro de sentir o meu próprio coração.

— ÁUREA, ÁUREA VOLTA, ÁUREA.

Perscruto de forma desesperada todos os rostos que me rodeiam em busca de ajuda. Os presentes acabam por se concentrar à volta do corpo de Áurea. Fëanor ajuda Maya, que soluça descontrolada. Um nó começa a formar-se na minha garganta, e, apesar de tentar inspirar, parece que todo o oxigénio à minha volta desapareceu.

— Ámon, ela está morta. Tens de a largar...

— Nunca! Eu não a vou deixar, ela não morreu! Ela não pode ter morrido. Eu não o permito! — O mundo em nosso redor está em pausa, sem qualquer movimento perceptível, apenas se ouvem soluços e suspiros dispersos. Maya tenta convencer-me a largar o corpo de Áurea, mas não consigo. Agarro-a com toda a força possível e tento transmitir um pouco da minha vida para ela, mas em vão. Os seus malditos olhos, que outrora me transmitiram tanta alegria, teimam em não abrir e a sua pele fica mais pálida a cada segundo que passa. — Áurea, se me ouvés volta para mim, por favor! Não me podes deixar. Tens de te levantar e mostrar-me o teu mundo, incluir-me nele... Vamos festejar esta vitória! Vamos ficar juntos, por favor!

— Por favor, Ámon temos de tirar o corpo dela daqui. Levá-lo para um lugar mais recluso. Ela merece essa dignidade. — Sinto a mão de Fëanor no ombro, o meu olhar dirige-se para a sua face onde é possível observar o rasto das lágrimas que lhe escorrem pelo rosto. No entanto, vejo pela postura

que é alguém que sabe as consequências de uma guerra. Aliás, olhando em volta, todos aqui têm essa postura, são seres destinados a dirigir um reino e a saber pesar as consequências de uma batalha, menos eu, eu sou um mero humano que foi apanhado de surpresa por tudo isto. Um mero humano que não ganhou guerra nenhuma, um mero rapaz que perdeu o amor da sua vida. — Ámon, ela merece algo melhor do que estar deitada no meio dos destroços de uma batalha.

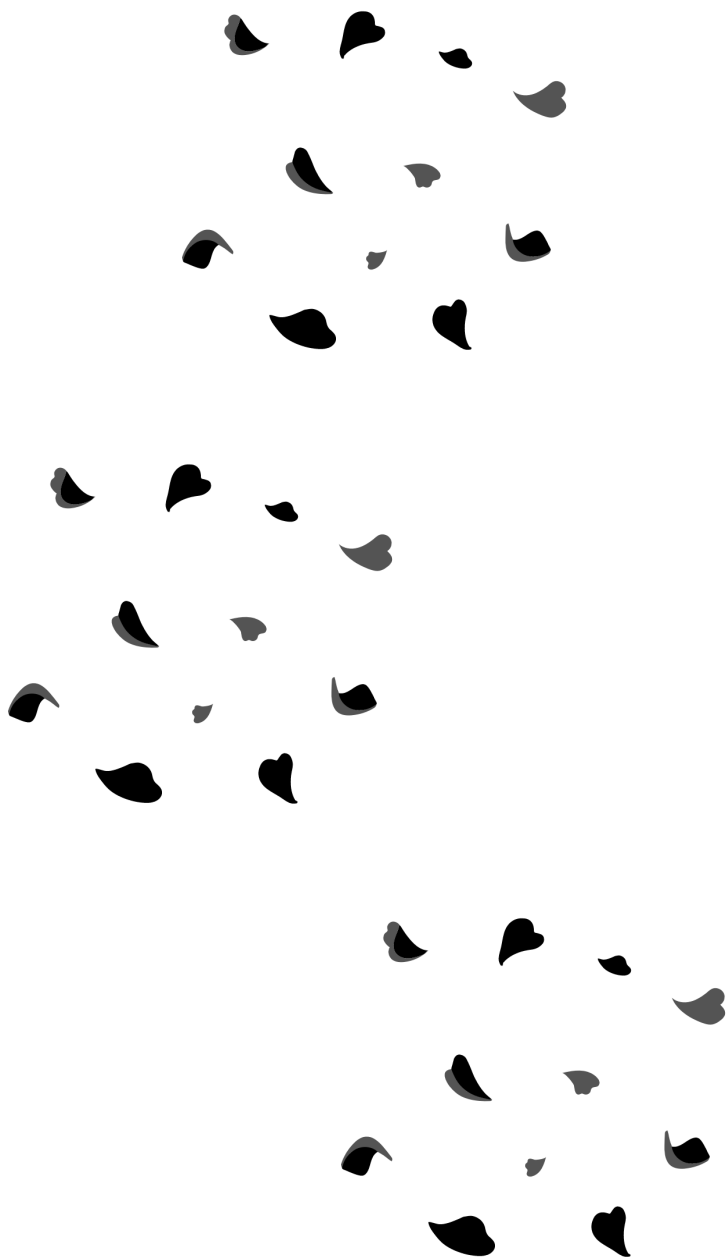
Fëanor agarra-me pelos ombros e finalmente solto o seu corpo, levantando-me. Tarefa que se torna impossível, pois os joelhos tremem-me e parece que toda a força do meu ser desapareceu, sendo que o único apoio que me mantém é o suporte do Fëanor. Encaro Áurea inanimada no chão, e uma corrente percorre todo o meu corpo, solto-me das mãos de Fëanor e, num momento de pura adrenalina, seguro novamente o corpo inerte de Áurea. Os meus passos até ao castelo são acompanhados pelo eco dos restantes que seguem atrás de mim e pelo som autoritário da voz de Fëanor que vai comandando.

— Recolham os elfos e fadas perdidos! Todos receberão a devida homenagem por terem perecido, não importa de que lado lutaram. Quanto aos sobreviventes que apoiavam a fada Helena, vocês estão cercados e não têm como escapar. Têm duas opções: podem jurar lealdade ao futuro líder ou optar pela prisão perpétua. A decisão é vossa.

Perdi a noção do que se passava lá fora assim que os meus passos e os de quem me seguia ressoaram no chão de mármore do castelo. Maya, com graça e destreza, junta-se a mim, e com um movimento sinuoso das mãos, as flores que cercavam o jardim interior ganham vida própria. Dançam no ar, entrelaçando-se numa coreografia mágica, até formarem diante da majestosa fonte uma pequena cama de flores resplandecentes. Com um cuidado terno, coloco o corpo de Áurea sobre essa cama de pétalas etéreas, permitindo que a essência da magia a envolva no seu descanso final. Maya coloca a mão no meu cotovelo e com um gesto delicado, afasta-me um pouco. Duas fadas, cuja indumentária denunciava serem uma espécie de empregadas, com os rostos encharcados de lágrimas, aproximam-se trazendo consigo um conjunto de toalhas e uma pequena taça de porcelana, com água perfumada, um suave aroma de rosas a pairar. Com infinita gentileza, começam a limpar os vestígios da batalha presentes no rosto e corpo da Áurea. A sua roupa está limpa, as únicas manchas visíveis estão no rosto e nos braços. O tempo parece prolongar-se até à eternidade, envolvido em silêncio absoluto, fazendo com que os soluços ecoem pelas paredes do castelo. Sinto o aperto firme de Maya no braço, enquanto a sua cabeça repousa suavemente sobre o meu ombro.

Do outro lado, Fëanor junta-se a nós, a mão pesando sobre o meu ombro. Neste momento solene, ninguém se ousa mover. Após a limpeza do seu corpo, Áurea parece irradiar uma aura de paz, envolta num brilho radiante, que ressalta ainda mais a sua aparência angelical. Enquanto algumas pessoas dispersam, as orientações de Maya ecoam, preenchendo o ar com uma melodia mágica para acomodar os líderes que permanecerão aqui.

Aproximo-me de Áurea e coloco a cabeça com toda a suavidade possível na sua barriga, ansiando sentir o movimento da sua respiração, mas nada acontece. Sinto as lágrimas escorrerem-me pelo rosto, fluindo como cristais líquidos, incapazes de serem controladas. Parece que jamais serei capaz de cessar este choro.



Capítulo 2

Maya



— Como é que ele está? — A voz do Fëanor soa perto de mim enquanto se posiciona ao meu lado, no topo das escadas, onde ainda há poucos meses nos juntávamos para abrir o baile do meu aniversário.

— Destroçado. Acabou por adormecer com o cansaço. Vou deixá-lo dormir e se ele não acordar, entretanto, só o acordo na hora da cerimónia de amanhã.

— Qual é o próximo passo Maya?

— Reunir todos os líderes e eleger alguém para assumir o lugar de Helena; alguém digno, que honre o seu lugar e que execute todas as suas obrigações com justiça. Precisamos encontrar alguém capaz de desempenhar esse papel na perfeição. — Observo os seus olhos dirigirem-se para o corpo de Áurea. — E tu? Como estás? Também perdeste uma amiga.

— Eu aguento-me, vou sentir imenso a falta dela, mas fico a dever-lhe tudo. Graças a ela toda a gente vai poder ser livre de amar quem quiser, de viver como quiser. Queria só ter a oportunidade de olhá-la nos olhos uma vez mais, e agradecer-lhe. — Uma lágrima desliza pelo seu rosto, e ele enxuga-a num ápice.

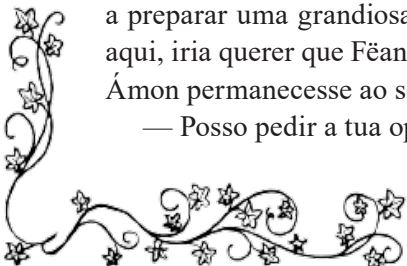
— Vais atrás dela?

— Da Anne? Sim. Quer dizer, não sei. Há uma enorme possibilidade de ela ter seguido com a sua vida e não quero destabilizar isso...

— Fëanor, a Áurea não morreu para que ficasses com medo de ser rejeitado. Tens de arriscar! Se não a procurares nunca vais saber. — Tento disfarçar a pontada no peito que sinto ao admitir a morte de Áurea pela primeira vez em voz alta.

— Vou pensar nisso, mas não agora. Temos de pensar na reunião, não a podemos adiar por muito tempo. E temos de nos despedir dela. Isso sim é o mais importante. — Neste momento, desejaria que estivéssemos todos envolvidos em festividades, em vez de estarmos imersos no luto. Deveríamos estar a preparar uma grandiosa celebração e não um funeral. Se Áurea estivesse aqui, iria querer que Fëanor não desistisse de Anne, e também ia desejar que Ámon permanecesse ao seu lado, a governar o reino com poder e sabedoria.

— Posso pedir a tua opinião Fëanor?



— Claro que sim!

— Como achas que seria a reação geral se eu nomeasse o Ámon como Rei de Anjana? Este não é o meu papel, eu estava apenas a guardar o trono até à chegada de Áurea, e agora que ela não está aqui para assumir esse lugar... Eu não tenho coragem. Mas acho que ele seria a escolha dela para guiar o nosso reino de forma justa, tal como ela o faria.

As últimas palavras de Áurea antes da batalha com a Helena ecoam na minha mente: *Madrinha, se eu não sobreviver, ambas sabemos que o lugar dele é aqui, no trono de Anjana. Confio em si para cuidar dele e para que isso se cumpra.*

— Se ela tivesse sobrevivido, eles iriam governar juntos. Sei que ele não conhece este mundo, sei que ainda nem sabe ao certo o que é este mundo, mas ter-nos-ia para o guiar.

— Maya, isso é algo nunca feito. Um humano a governar um reino de fadas, sem ser por meio de casamento? Isso seria um ponto de viragem na nossa história, revelando o alcance desta guerra. Tens o meu total apoio. Tenho a certeza de que ela iria desejar isso.

— Levarei este tópico a discussão na reunião, e se os líderes estiverem todos de acordo, então falarei com ele.

— Quando será a reunião?

— Depois de amanhã. Normalmente seria só após o período de luto terminar, mas isto é demasiado importante para esperar.

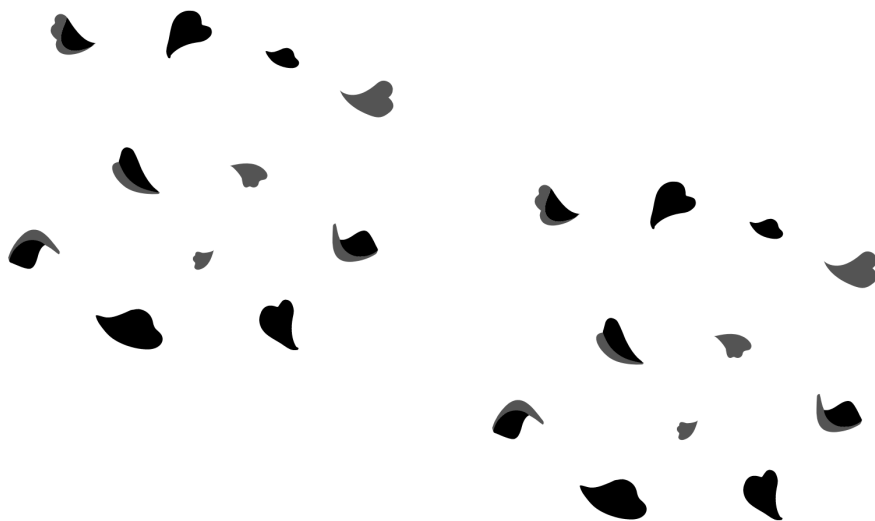
Apenas desejo que aquele que assuma este papel seja capaz de honrar tudo o que Áurea fez e sacrificou, assim como todos os que lutaram ao nosso lado.

Fëanor despede-se com uma pequena vénia e recolhe-se aos seus aposentos. Desço os degraus com calma, acompanhada pelo eco dos meus passos e reúno coragem para me aproximar do corpo inerte da minha menina. Todos recolheram às suas casas e aposentos, e o castelo encontra-se envolto num silêncio ensurdecedor, permitindo-me estar a sós com ela neste momento íntimo.

— Minha menina, sinto-me tão orgulhosa de ti. Apesar de temer o que o destino havia planeado para ti, e de te ter incutido por tanto tempo que uma fada não poderia envolver-se com um humano, tu seguiste o teu coração; foste corajosa e isso enche-me de orgulho. Os teus pais ficariam orgulhosos em ver que a sua filha se tornou numa heroína que restaurou o que há muito tempo foi destruído. Não sei se me estás a ouvir, mas se estiveres, quero que saibas que eras como uma filha para mim, e tornaste-te na mulher que sempre sonhei que fosses e da qual terei orgulho para sempre. Sentirei imenso a tua falta.

Desabo por completo sobre o seu corpo, chorando compulsivamente. Ela era o meu propósito de vida, a minha razão de ser. Educar, cuidar e protegê-la fora o meu objetivo, e agora ela partira. Como é suposto continuar sem a menina dos meus olhos?

Quando parece que as minhas lágrimas sessam, decido encaminhar-me para o quarto. Sinto a cabeça e os olhos pesados, e sei que amanhã será um dia longo.





Capítulo 3

Ámon

Acordo num sobressalto. O meu coração revibra por todo o corpo e sinto as gotas de suor a escorrer-me pela testa. Percorro o olhar pelo que me rodeia e não tenho bem a certeza de onde estou. Um peso nos olhos obriga-me a voltar a fechá-los e é quando sou assombrado pelas memórias do dia anterior: a descoberta do mundo das fadas, a guerra, a morte da Áurea...

Deixo-me cair para trás. Talvez tudo isto não passe de um sonho, ou pior, um pesadelo. Talvez nada disto esteja realmente a acontecer, e quando eu abrir os olhos estarei de volta ao meu apartamento, com Áurea deitada ao meu lado.

Uma batida na porta traz-me de volta à realidade. Abro os olhos e percebo que ainda estou aqui, não foi um pesadelo.

Limpo as lágrimas que teimam em escorrer-me pelo rosto, levanto-me e sinto um tapete macio debaixo dos pés. Dirijo-me à porta, mas antes lanço um olhar ao espelho; ainda estou com as roupas de ontem, o cabelo está num completo caos e os meus olhos, inchados. Sinto o calor da minha mão contra o frio metal da maçaneta quando abro a porta.

— Bom dia, Ámon! Passei para ver como estavas e para avisar que a cerimónia fúnebre começa dentro de meia hora. — À minha frente encontra-se Maya, num vestido preto fluído, com o seu cabelo trançado de forma perfeita, e o rosto marcado por olheiras que contrastam com o tom pálido da sua pele.

— Bom dia. Obrigado pela sua preocupação e hospitalidade. Em relação a como me sinto, ainda não consigo entender por completo tudo o que aconteceu e o impacto que teve em mim. Até agora nada disto me parece real, Maya.

— Quero te pedir por favor, que me trates por “tu”. Não há necessidade de tanta formalidade. Também não consigo aceitar a realidade que nos atingiu. Ela era tudo para mim, a minha razão de viver, e agora sinto-me perdida. Sem rumo. Diante esta perda devastadora, queria convidar-te a permanecer aqui connosco. Tenho a certeza de que ela desejaria a tua presença, e eu seria grata pela tua companhia. Não precisamos de enfrentar esta dor solitariamente, mesmo que mal nos conheçamos. Podes contar comigo para qualquer coisa Ámon.

— Obrigada, Maya, mas não quero incomodar.

— Ámon, ela amava-te de forma profunda e desejava a tua presença ao seu lado. A partir do momento em que ela expressou esse desejo, tornaste-te parte da nossa família. Seria um prazer imenso ter-te aqui e ter a oportunidade de te conhecer melhor.

— Eu não sei para onde ir... — Olho para os meus pés ainda descalços, sinto-me desorientado. Não esperava este convite. Será a decisão certa, permanecer neste mundo? *Tens algum lugar melhor para ir?* Reviro os olhos diante do meu próprio pensamento e volto a encarar Maya, que me observa serenamente. — Aceito o convite até decidir o que quero fazer a longo prazo. Agradeço do fundo do coração a tua hospitalidade e amizade.

— Não tens de agradecer. Agora arranja-te e vem ter ao jardim, está quase na hora. Tens ali, naquele roupeiro as roupas que trouxeste e mais algumas coisas.

Maya dá um pequeno sorriso antes de virar costas, e fecho a porta lentamente. Observo em redor, encontro-me num quarto que não me pertence, que outrora pertenceu a Áurea. Ela nem teve tempo de mostrar-me este lugar, de partilhar as suas memórias deste sítio. Os meus olhos param no roupeiro, aproximo-me dele com calma. Ao abrir a porta, deparo-me não apenas com as roupas que trouxe, mas também com todas as minhas peças de roupa. Embora me pareça estranho, não evito pensar que Áurea teve mão nisto. Será que ela previu que eu não iria embora?

Após percorrer o roupeiro com o olhar várias vezes, decido escolher um fato preto, acompanhado por uma camisa preta. Opto por não usar gravata. Encaminho-me para uma das portas que ainda não havia aberto, a casa de banho. É toda revestida de mármore branco, com uma imensa banheira ao centro e todas as torneiras em dourado. Sobre o lavatório, um espelho grande encastrado numa moldura trabalhada. Admiro o meu aspeto miserável refletido ali; lavo o rosto e penteio o cabelo, mas nada parece melhorar a minha figura. Encaro mais uma vez o rapaz perdido no espelho e respiro fundo, numa tentativa de reunir alguma coragem para descer.

Enquanto desço as escadas até o jardim, os meus olhos maravilham-se com a beleza do lugar. As paredes foram tomadas por trepadeiras, como se uma chuva de rosas-douradas tivesse caído sobre elas. No centro, onde antes ficava a fonte, agora repousa o corpo de Áurea. É uma visão tão surreal, como se tivesse entrado num conto de fadas. Observo os presentes, todos vestidos de preto de forma elegante, rodeados por uma calma majestosa. É um cenário digno de realeza, algo que somente conhecia pelos filmes. Dirijo-me a um canto mais afastado, ainda a tentar acostumar-me a esta nova realidade, incapaz de me envolver em conversas de mera formalidade. Não consigo

compreender como algumas pessoas conseguem rir num momento tão solene. Sou apanhado desprevenido com a mão de Fëanor no meu cotovelo.

— Ámon, está prestes a começar. Talvez queiras aproximar-te um pouco mais.

— Obrigado, Fëanor. Antes demais, quero pedir-te desculpa. Metade do que pensei e disse acerca de ti não faz sentido... Agora vejo o quão errado estava. Tu foste um verdadeiro amigo e aliado da Áurea, e não sei como agradecer por isso.

Ele limita-se a mostrar-me um pequeno sorriso e a dar-me uma palmadinha nas costas enquanto nos dirigimos para o centro. Paramos em frente ao corpo de Áurea e encaramo-lo. Agora consigo ver que nunca tive razão para ter ciúmes. Aliás, só tenho motivos para o admirar.

— Ela era um ser magnífico, não era? — sussurra Fëanor.

— Era. O mais magnífico de todos. — Ao colocar este verbo no passado, sinto uma dor percorrer todo o meu corpo.

Não dizemos mais nada e vemos Maya a aproximar-se de nós e a impor silêncio com a sua chegada.

— Queria começar por agradecer a presença de todos e, acima de tudo, agradecer o quanto se empenharam nesta batalha da qual saímos vitoriosos. Infelizmente, a nossa heroína pereceu para nos garantir a vitória, e hoje estamos aqui para nos despedirmos dela. Decidimos que a melhor homenagem seria imortalizar a sua imagem, que será colocada num palanque circular em mármore e banhada a ouro. Áurea ficará para sempre preservada no centro do seu reino, onde foi muito feliz.

Faz-se um minuto de silêncio antes de Maya começar a mover as mãos. Um brilho irradiava delas. Os meus olhos, descontrolados, arregalam-se perante o espetáculo que se desenrola ao meu redor. Surge do chão um palanque imponente, e Áurea é posicionada no centro do mesmo. A sua postura remete a uma figura de batalha: pernas afastadas, uma mão na cintura e a outra erguida em comemoração. O seu rosto exhibe um sorriso perfeito. Confesso que a cena é um tanto macabra, porém, após ser coberta com o líquido dourado, torna-se numa visão deslumbrante. Não poderia haver homenagem mais adequada. À frente do palanque, uma pequena placa tem a inscrição:

AQUI REPOUSA A HEROÍNA
QUE TRIUNFOU POR AMOR

No meio do choque de tudo o que acabei de presenciar e de tudo o que estou a viver desde ontem, mal percebo que as lágrimas escorrem uma vez mais pelo meu rosto. Apenas quando Fëanor me envolve num abraço, ambos entregues ao choro, percebo a profunda dor que compartilhamos pela perda que sofremos.



Capítulo 4

Maya

-Bom dia, caros líderes. Sei que ainda é tudo demasiado recente para todos, mas temos decisões importantes a tomar e sei que a Áurea quereria que tivéssemos os interesses do reino em primeiro lugar.

— Como vamos decidir quem ocupará o lugar deixado por Helena? — Ouço Arthur, Rei de Vidia, perguntar.

— Talvez a forma mais justa seja realizarmos uma votação, de forma anónima? — propôs Fëanor.

— Concordo com o Rei Fëanor. Hoje precisamos chegar a uma decisão. Independentemente de quem for eleito, será melhor do que Helena alguma vez foi. E se não for, não permitirei que o esforço de Áurea tenha sido em vão.

Em seguida, todos escrevem os votos em pequenos pedaços de papel, que são, depois, levados por uma leve corrente de ar até uma pequena bolsa. Já na bolsa, os papéis ganharam vida e após baralhados, saíram de forma ordenada, pousando sobre a mesa, onde em pilhas organizadas por nomes, facilitaram a contagem dos votos. Verifica-se um empate entre mim e o Arthur.

— Bem, acho evidente que talvez não seja a melhor opção termos uma mulher a governar novamente. Viram o que aconteceu da última vez.

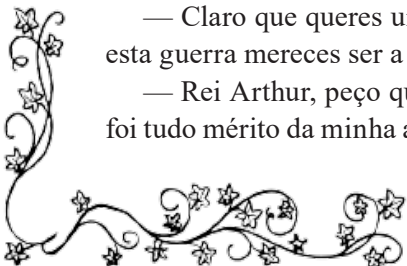
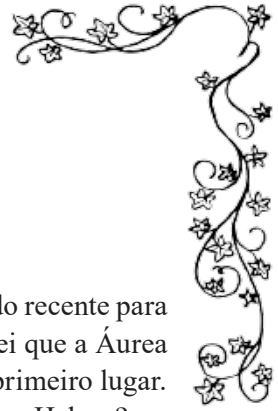
— Estás tão sedento pelo poder que usas esse argumento, Arthur? — Fëanor levanta-se com tanta veemência que a sua cadeira tomba.

Com isso, desencadeia-se uma grande discussão entre todos os presentes. Eu e Ameerah trocamos olhares; ser as únicas mulheres aqui não é fácil, sobretudo quando estamos rodeadas por tantos homens ambiciosos e famintos por poder. Felizmente, grande parte dos herdeiros destes reis são fadas, mulheres que estão a ser preparadas para assumirem o poder no futuro. Acredito que será uma era promissora para todo o reino quando chegar o momento.

— CHEGA! — grito, fazendo com que todos se calem e me encarem com choque diante da minha reação extrema. Respiro fundo e enquanto me sento, com um gesto suave da mão, indico a todos que façam o mesmo. — Vamos decidir isto de forma justa, através de uma nova votação para desempatar.

— Claro que queres uma nova votação.... Achas que só porque lideraste esta guerra mereces ser a líder do nosso mundo, Maya? — inquiriu Arthur.

— Rei Arthur, peço que se acalme e tenha respeito. Eu não liderei nada, foi tudo mérito da minha afilhada e de todos nós que nos unimos. Não vamos



criar conflitos por causa disto. A forma mais justa é a votação e, seja quem for o vencedor, temos de nos manter unidos!

Todos assentem calmamente e, mesmo contra a vontade de Arthur, realizamos uma nova votação. Por fim, Fëanor levanta-se para anunciar o resultado.

— É com grande honra que declaro Maya como a líder de todas as fadas e elfos. Espero que a sua liderança seja harmoniosa e justa.

Levanto-me, encarando todos os presentes, sentindo-me indefesa. Como é que a Áurea conseguiu ter tanta força?

— Quero desde já agradecer esta honra que me foi concedida e iniciar este mandato reiterando que, a partir de hoje, sou exclusivamente uma representante das fadas e dos elfos. Todas as decisões serão tomadas em conjunto com todos os líderes aqui presentes.

Todos se levantam e aplaudem, inclusive Arthur. Parece que a ideia de nos unirmos começou a agradar-lhe.

— Antes de encerrar esta reunião tenho, porém, um pedido a fazer. Será algo invulgar e nunca feito no nosso mundo, por isso peço que mantenham uma mente aberta. Gostaria de nomear Ámon como Rei de Anjana. — Um tumulto toma conta da sala, mas prossigo com o discurso que tinha mais ou menos preparado. — Com este papel, não conseguirei desempenhar ambas as funções. Acredito que tendo em conta o significado dele nesta revolução, Ámon seja a pessoa mais adequada. Mesmo que eu não tivesse sido eleita para este cargo, ser Rainha de Anjana nunca foi o meu destino. Estava apenas a assegurar que tudo estava em ordem enquanto a minha afilhada se preparava para ser a verdadeira rainha.

Os ânimos voltam a exaltar-se, mas desta vez é Fëanor quem impõe ordem.

— Alguém tem uma sugestão melhor? — Ninguém responde. — Então está decidido. Se Ámon aceitar, será coroado Rei de Anjana, no mínimo até encontrarmos alguém mais adequado para esse papel, se assim o entendermos.

Com todas as decisões tomadas, cada líder, junto com os seus familiares e exércitos, regressa ao respetivo reino. Decidimos que só a partir do dia seguinte começaríamos a agir. Precisávamos de reorganizar ideias e planos futuros.

Mas agora, a prioridade é conversar com o Ámon.

— Viste o Ámon? — pergunto à fada jardineira que se encontra na zona central do castelo. As minhas mãos tremem, de ansiedade por ter de o abordar com este assunto.

— Sim, minha Rainha. Ele está no jardim traseiro. — A sua voz suave acalma um pouco a turbulência que se instala no meu peito. Apesar disso, o título de rainha continua a causar-me desconforto. Era temporário, mas

estava prestes a assumir o papel de líder deste mundo, governar o Reino de Elora e ser, de facto, rainha de um reino que teria de representar com dignidade.

Caminho com passos decididos em direção ao jardim, com o coração acelerado. Cada passo está carregado de expectativa e incerteza. Ao chegar ao jardim, deparo-me com o Ámon, absorto na contemplação do mar de girassóis que se estende diante de nós. Tento fazer algum ruído com os pés, de forma a não o surpreender com a minha aproximação. Paro ao seu lado, fixando os olhos no rosto dele, e ele recebe-me com um pequeno sorriso.

— Eram as flores favoritas da Áurea, sabes? — murmurei, com a voz embargada pela saudade e pela tristeza. Cada palavra parece emergir das profundezas da minha alma, carregada de memórias e emoções que se misturam num turbilhão incontrolável. É como se a própria voz retratasse o vazio que a partida de Áurea havia deixado em mim.

— Não sabia, nunca perguntei. Devia ter perguntado! — A sua voz refletia culpa, e pude sentir o peso da dor que ambos partilhávamos. Um aperto doloroso invade-me o peito. — Agora não faz diferença.

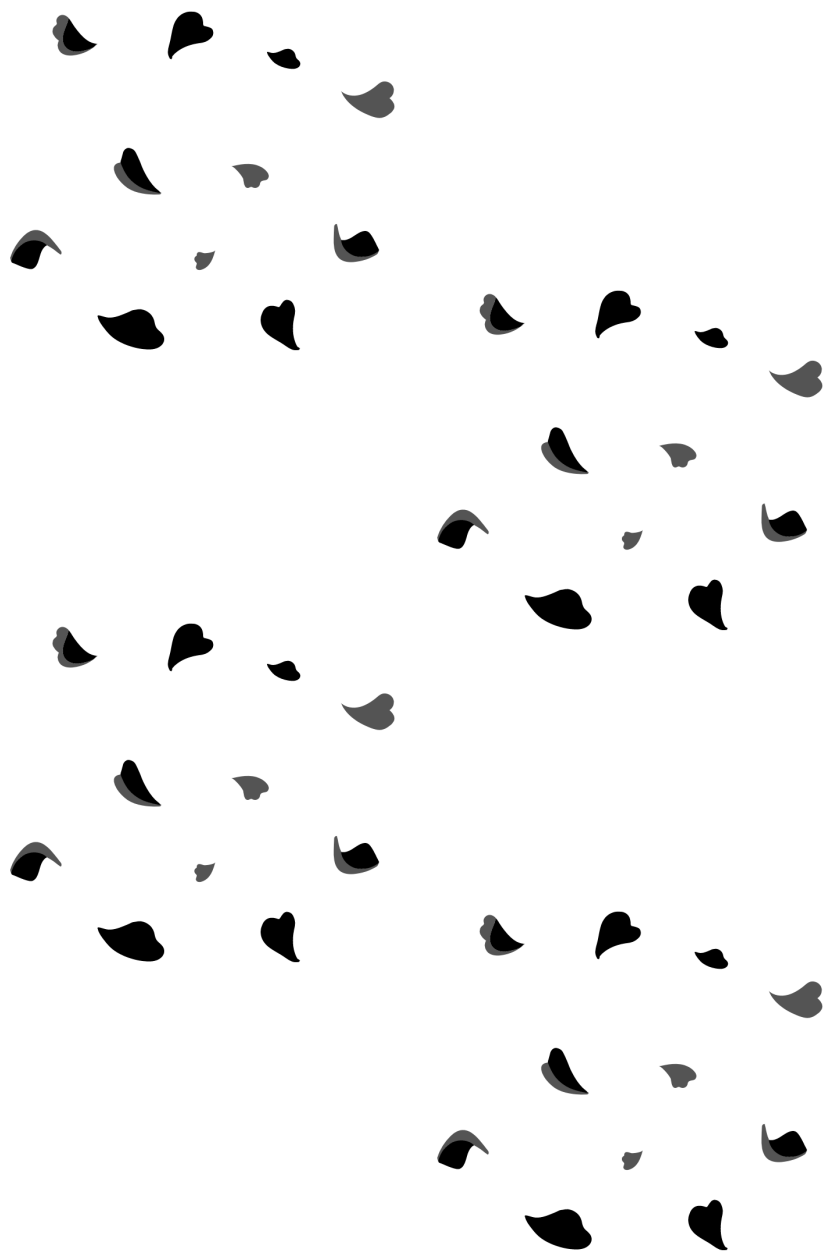
— Pode vir a fazer.

Ámon dirige toda a atenção para mim, com a testa franzida e os seus olhos que percorrem o meu rosto em busca de algum sentido no que acabo de dizer.

— Como assim? Ela não está aqui.

— Mas há algo que, se aceitares, podes fazer por ela e honrar a sua memória.

Um breve momento de silêncio passa entre nós. A tensão é palpável no ar, e o meu coração continua a bater descompassado. Ámon permanece imóvel com os seus olhos fixos nos meus.



Capítulo 5

Ámon

Sinto-me paralisado com o convite de Maya. As palavras dela ecoam na minha mente, deixando-me confuso e perdido. Não consigo dar uma resposta imediata. Peço-lhe um tempo para pensar, porque entendo a importância desta decisão. Não posso decidir assim de forma leviana.

Olho ao meu redor, perdido neste mundo mágico. As flores têm um cheiro tão bom e o castelo é grandioso; cada torre parece esconder segredos que desconheço. É como se estivesse a enfrentar um enigma, onde cada passo que dou pode mudar o destino de todo um reino. Como é que eu, um simples humano, posso liderar estas fadas? Sinto-me inseguro, porque nem sequer entendo como esta espécie vive.

Será que sou capaz de guiar e tomar decisões, quando nem consigo lidar com as responsabilidades dos humanos? Ter o destino de uma espécie que mal conheço nas mãos, é assustador.

— Se não fosses capaz, a Maya nem sequer considerava essa opção.

— Caramba Ariel, quase me matas de susto!

— Desculpa, Ámon, não tive a intenção de assustar-te ou intrometer-me nos teus pensamentos. Foi mais forte do que eu. Vi-te aqui tão perturbado e confuso que quis perceber se poderia ajudar. Peço desculpa!

— Não há problema. Estou ainda a adaptar-me a essas coisas sobrenaturais e fantásticas.

— É compreensível. Estás aqui há três dias, certo?

— Tenho de admitir que perdi um pouco a noção do tempo, mas acredito que sim.

— É normal sentires-te assim. No curto período que estiveste aqui, testemunhaste coisas que nem mesmo uma fada com centenas de anos teria testemunhado.

— Centenas de anos? A Áurea mencionou que as fadas não morrem como nós humanos, mas nunca imaginei que vivessem tanto tempo. Essas são as coisas que me deixam em dúvida em relação a aceitar o que Maya me propôs... Eu nem conheço o básico deste mundo, Ariel. A Áurea não teve tempo de me explicar, mostrar ou ensinar seja o que for.

— Bem, acho que é aí que eu entro.

— Tu? Porquê tu?

— Sou o guia espiritual desta família, em particular do futuro governante

deste reino. Estive ao lado da Áurea no mundo dos humanos, e quando ela se tornasse rainha, eu continuaria a aconselhá-la e apoiá-la. Neste caso, se te tornares o governante deste reino, serei o teu guia espiritual e acompanhar-te-ei em todos os passos e decisões que tomares. Além disso, a Maya não te abandonaria aqui sem te ensinar tudo o que precisas de saber para governar Anjana.

— Ainda não fomos apresentados no meio de toda esta confusão.

— É verdade, mas teremos muito tempo para nos conhecermos se decides ficar e tornares-te Rei de Anjana.

— Já que o teu papel é aconselhar-me, o que achas que devo fazer?

— Antes de responder quero que saibas que nós, guias espirituais, somos incapazes de mentir. Podemos omitir a verdade, mas não a podemos alterar nem expressar algo que não seja verdade. — Nota mental: guias espirituais são incapazes de mentir. Será que ele disse isso para justificar que dirá que é uma péssima ideia? — Dito isso, sim, acredito que deves aceitar. E tenho duas razões muito simples para tal: primeiro, se não fosses capaz de assumir esse papel, a Áurea nem te teria trazido até aqui. Segundo, a Maya confia a cem por cento nas decisões da Áurea, e se ela tomou essa decisão, é porque acredita que és capaz. Aliás, ambas acreditam.

— E o que direi ao meu pai? Ligo-lhe e digo: “*Olá pai, mudei-me para o mundo das fadas e agora vou ser rei de um dos reinos?*” Ele pensaria que fiquei maluco, iria achar que voltei a usar drogas e tentaria internar-me. Não que ele conseguisse encontrar-me, mas ainda assim. Não posso largar a vida “real” e apenas aceitar um cargo que colocará nas minhas mãos, as vidas de seres cuja realidade nem conheço, Ariel!

— Nesse aspeto, acredito que a nova posição da Maya possa ajudar. Ela ambiciona implementar harmonia e convivência entre fadas e humanos. Se isso acontecer, poderás contar toda a verdade ao teu pai.

— Estou mesmo confuso, Ariel. Não sei se sou capaz disso, nem sei se tenho forças para tal. Ainda não consigo acreditar que a Áurea era uma fada e que a perdi num abrir e fechar de olhos. Ainda tenho esperança de estar a sonhar e de ela estar ao meu lado quando acordar.

— Entendo que estejas a passar por um momento difícil. Quero que saibas que, seja qual for a decisão que tomes, estarei ao teu lado como ela estaria. Se decidires tornar-te o próximo Rei de Anjana, estarei aqui para te ajudar em tudo o que precisares e para te ensinar tudo o que precisas de saber sobre este mundo.

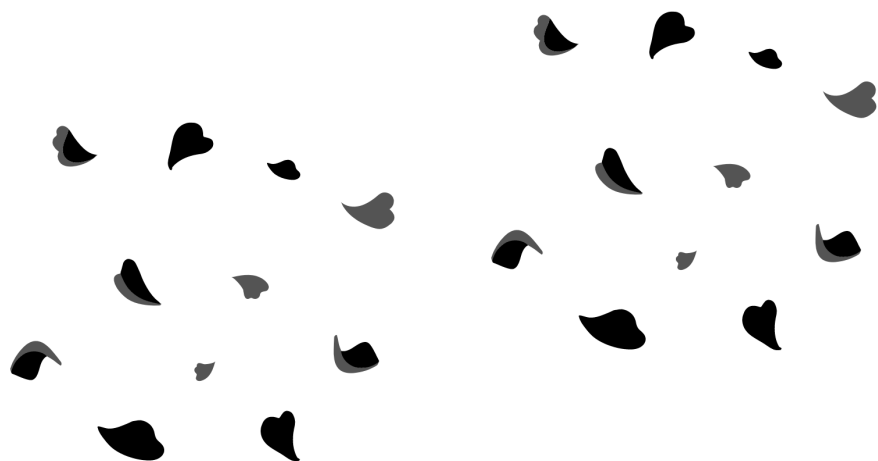
— Obrigado, Ariel. Preciso de pensar um pouco mais, mas assim que tomar uma decisão, serás o primeiro a saber.

Ariel faz uma pequena vénia, despedindo-se com elegância, e retira-se do jardim. O meu olhar segue o seu movimento até que desapareça de vista. Agora, em silêncio, volto a minha atenção para o exterior do castelo. O Sol brilha de forma intensa, refletindo-se na estátua majestosa que se ergue no centro do jardim.

Respiro fundo, sinto o chão firme sob os meus pés enquanto caminho devagar em direção à fonte de luz. Cada passo é cuidadoso, como se eu estivesse a trilhar um caminho desconhecido. A minha mente está cheia de dúvidas e incertezas, e espero encontrar alguma clareza aqui.

Finalmente, chego ao local desejado e ajoelho-me junto aos pés da estátua de Áurea. As suas feições esculpidas parecem transbordar de serenidade e sabedoria. Com as mãos trêmulas, seguro os seus pés em busca de uma conexão, de uma resposta. Talvez, consiga de alguma forma, sentir a sua presença ou receber uma orientação.

Permaneço em silêncio, permitindo que a energia do lugar me envolva. O Sol brilha sobre nós, como se estivesse a abençoar aquele momento de reflexão. Por instantes tudo se torna sereno, como se o tempo abrandasse.guardo pacientemente, na esperança de que esta conexão me ajude a encontrar a resposta que tanto procuro.



Capítulo 6

Áurea

Três dias antes

-ÁMON! — Quando consigo levantar o corpo dorido e abrir os olhos, tenho de os fechar devido à intensidade da luz que me cega. As pestanas batem de leve na minha cara à medida que vou pestanejando para me adaptar à claridade que me rodeia.

Que lugar é este? Levanto-me com alguma dificuldade do chão branco de mármore, polido na perfeição. Rodo sobre os calcanhares e não consigo identificar as minhas redondezas.

Estou rodeada por vários pilares, alguns inacabados, parecendo ruínas. Para lá deles só vejo nuvens. Olho para cima e não há teto, apenas um céu perfeitamente colorido, com azul, rosa, amarelo e, o branco das nuvens abre-se para lá do infinito.

Quando o meu olhar volta a descer, consigo identificar, entre dois pilares, uma escadaria do mesmo mármore branco.

— Finalmente acordaste! — Salto com a voz suave que soa atrás de mim. Quando me volto, mal consigo encarar tanta beleza: uma mulher com cerca de dois metros, observa todo o meu corpo com os seus olhos de um azul semelhante ao do céu. Os cabelos longos e loiros brilham perante a claridade do Sol. Um diadema simples e dourado adorna a sua testa, a tez pálida realça os lábios rosa, desenhados de forma perfeita. — Tínhamos receio de que não fosses sobreviver à viagem. — Dá um passo na minha direção fazendo o vestido de seda, com duas pequenas alças de pérolas, fluir na perfeição com o seu corpo.

— Quem és tu? Onde estou? — O olhar de pena que esta mulher deslumbrante me dirige faz-me sentir um animal indefeso e assustado.

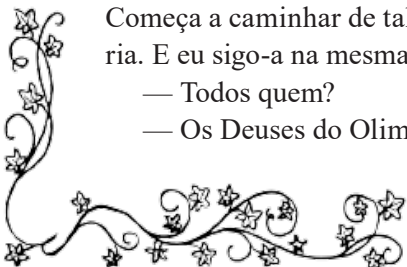
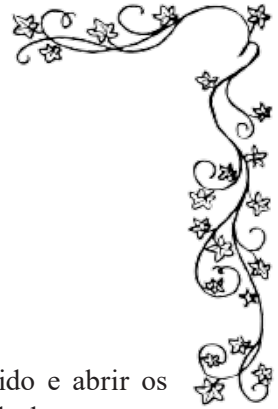
— Não precisas de te assustar, minha querida. Eu sou a Deusa Hera, e tu estás no Olimpo.

— Deusa Hera? Como a Deusa Mãe?

— Exatamente! Agora segue-me, todos aguardam a tua presença. — Começa a caminhar de tal forma elegante, que aparenta flutuar até à escadaria. E eu sigo-a na mesma direção.

— Todos quem?

— Os Deuses do Olimpo, quem mais?



— Estou morta? — pergunto enquanto a sigo escadaria acima. Hera não me responde, e eu não me atrevo a repetir a pergunta.

Dez degraus, vinte degraus, em concreto trinta e três degraus depois, encontramos-nos perante um portão feito de nuvens que se estende para além do alcance do olhar. Olho para trás e só vejo nuvens, nem sinal do local onde a escadaria se iniciou. Com um único movimento das suas mãos, Hera faz com que as portas se abram, e tento manter a boca fechada quando encaro o local onde estou. Perante mim há um grande salão redondo com doze tronos em mármore, sendo dois deles maiores que os restantes e localizados numa posição mais central. Dos lados da porta, um corredor para cada lado, tão compridos que não consigo ver o fim dos mesmos.

Todos os tronos estão ocupados agora que a Hera se senta num dos centrais. Todos os presentes me encaram, e eu não sei como reagir estando perante os Deuses, os meus criadores.

— Bem-vinda ao Olimpo, Áurea. — O Deus imponente, de tronco nu revelando os seus músculos definidos, fala. A sua barba branca combina perfeitamente com o cabelo do mesmo tom, penteado debaixo de um diadema semelhante ao de Hera diferenciando-se com uma pedra azul no centro.

— Zeus?

— Sim, minha filha, sou Zeus! Deus do trovão, líder dos Deuses do Olimpo e pai de todos os seres e mundos.

— É uma honra. — Faço uma vénia, não me atrevendo a cruzar o olhar com nenhum dos presentes. Sinto que isto só pode ser um sonho, e eu vou despertar a qualquer momento.

— Uma rainha não se curva perante ninguém. — Uma voz feminina ecoa pelo meu corpo fazendo-o petrificar. Ergo a cabeça e percorro o olhar por todos até parar perante a silhueta perfeita de dois metros que me encara com ferocidade. Os seus longos cabelos castanhos são enfeitados por duas penas longas de um material valioso brilhante. O longo pescoço é enfeitado por um colar de ouro, o vestido branco combina na perfeição com a sua capa vermelha e os pormenores de armadura banhada a ouro que cobrem os seus ombros, pulsos e pernas: Atena...

— Perdoe que discorde, mas não acho que seja rainha de nada.

— Tu venceste a batalha, uma batalha que eu apoiei e te ajudei a vencer para que governasses.

— Mas eu morri. Não morri? — O meu olhar vagueia entre todas as faces perfeitas que me encaram sem revelar nenhuma emoção.

— Sim e não. — Do lado oposto ouço falar um homem com uma armadura dourada que lhe cobre o peito, mas que está esculpido como se mostrasse

os verdadeiros músculos que estão por baixo. A sua cabeça está protegida por um capacete dourado com uma espécie de cauda branca. Da cintura para baixo, veste uma saia castanha e sandálias da mesma cor, seguidas por caneleiras do mesmo material da armadura: Ares. Este deve ter percebido a minha confusão perante a sua resposta tendo prosseguido com a explicação. — Tecnicamente tu morreste naquela batalha extraordinária, mas aqui a minha cara irmã Afrodite achou por bem dar-te uma segunda oportunidade.

— Como assim? — Rodo sobre os calcanhares, olhando à minha volta, encarando cada um deles, de forma a tentar compreender tudo o que me é dito, mas nada disto faz sentido. Elevo as minhas mãos para as observar de forma a perceber se ainda sou feita de pele e osso ou se isto não passa de um sonho. — Não entendo.

Ao lado de Ares, uma figura esbelta levanta-se. Tem cabelos ruivos penteados numa trança perfeita, que cai pelo ombro, permitindo que o seu vestido branco, com um decote proeminente, sobressaia. Duas rachas de cada lado revelam as suas esguias e pálidas pernas, cobertas por umas sandálias douradas que se entrelaçam até ao joelho. A cintura é marcada por um cinto de ouro, que lhe dá assim a forma perfeita de uma ampolheta. Na cabeça enverga um diadema de folhas da mesma cor que os dos restantes Deuses que, complementa a face tingida por um tom rosado, um nariz esculpido na perfeição, uns lábios vermelhos chamativos e uns olhos verdes capazes de seduzir qualquer ser: Afrodite. Quando chega perto de mim, sou obrigada a levantar a cabeça para encará-la. A sua mão suave passa ao de leve pelo meu rosto.

— Minha querida, tu lutaste por amor, pelo sentimento mais puro que existe em todos os mundos, por isso não podia deixar que simplesmente partisses.

— Agora, está nas tuas mãos se vives ou morres. — Zeus fala, o que me faz virar a cabeça na sua direção. — Vamos dar-te um enigma, se escolheres resolvê-lo, poderás ficar aqui o tempo que necessites até obteres a resposta. Se escolheres desistir, o teu destino é a morte.

— Um enigma? Tão simples quanto isso? — FRANZO o sobrolho. — Estão a tentar explicar-me que para voltar dos mortos basta resolver um enigma?

— Sim, tão simples assim! Além disso, enquanto estiveres aqui terás os teus próprios aposentos onde encontrarás um espelho que te permitirá observar o que se passa no mundo dos vivos. No entanto, cuidado! Se o tentares atravessar antes de responderes corretamente ao enigma, as consequências serão graves e dolorosas. Agora, a escolha está nas tuas mãos: enfrentar um enigma ou enfrentar a morte.

— Eu não quero morrer, não posso morrer! Tenho de voltar para o Ámon.
— Nesse momento, sinto o dedo de Afrodite limpar uma lágrima solitária que escorre pela minha face.

— Então, escolhes o enigma? — A voz doce de Afrodite invade o meu corpo, bem como o seu perfume de rosas.

— Sim! Eu escolho o enigma!

— Muito bem, — diz Zeus. — O enigma tem duas respostas. Só precisas de chegar a uma delas para poderes regressar, ainda que ambas as respostas se revelem úteis para o futuro daqueles que deixaste no teu mundo.

— Estou pronta. — Apesar de todo o meu interior se contorcer, assumo a postura de uma rainha tal como Atena queria.

— Aqui vai.

O destino plantou duas sementes com destinos entrelaçados.

Enquanto uma viver a outra não germina.

Uma surgiu da flor que morreu,

A outra do fogo que se espalhou.

Uma germinou, mas não pode dar frutos,

A outra tem de germinar para a chama não apagar.



O enigma ecoa vezes sem conta na minha cabeça, enquanto os meus saltos marcam os passos no mármore. Os meus aposentos são simples: um quarto circular com uma porta de mármore branco, tal como o chão, que dá acesso a um dos corredores que conduzem ao salão. O restante espaço é preenchido por pilares, tal como o local onde acordei. Há uma simples cama redonda, com lençóis de ceda rosa-bebé que combina na perfeição com o céu que rodeia o local. Entre dois dos pilares, de frente para a cama, existe um espelho de corpo inteiro, adornado com uma moldura de rosas brancas.

O que querará dizer Zeus com “*o destino ter plantado duas sementes*”? Ouço um som distante através do espelho. Aproximo-me e coloco as mãos de cada lado e Ámon aparece no reflexo.

— Ámon! — A minha visão fica turva quando vejo o amor da minha vida do outro lado. O espelho de que Zeus falou...

— *Olá, meu anjo. Ainda só se passaram três dias e já sinto tanto a tua falta. Aliás, bastou um minuto para começar a sentir a tua falta. Nunca me disseste que eu teria de aprender a viver sem ti. Tiraste-me de um poço sem fim, devolveste-me a vida, esperança e acima de tudo, fizeste-me voltar a*

acreditar que poderia ser amado por alguém. Acho que nunca te disse isto, e sei que agora é tarde demais para isso, mas obrigado por me teres salvo em todos os sentidos.

— Tu também me salvaste, Ámon! Por favor, não chores. Eu vou voltar para ti! — As minhas lágrimas inundam o meu rosto.

— *Agora estou aqui no teu mundo... um mundo que honestamente ainda me faz pensar que estou a alucinar. Gostava que estivesse aqui contigo, para me mostrares que isto é tudo real, que não estou maluquinho. Mas não estás, e agora tenho uma decisão importantíssima em mãos para tomar e não sei o que fazer.*

Os meus olhos afundam-se nos seus de tal forma que acho que ele consegue ver-me.

— *Será que devo permanecer aqui? Será que sou a pessoa mais adequada para cuidar do teu povo e do teu reino? Gostava que me pudesses dar algum sinal para perceber se era isto que querias ou não. Será que sou a pessoa mais indicada para tomar o teu legado? Por favor, diz-me o que fazer.*

— Fica aí, Ámon. Eu vou voltar. Eu quero que cuides do meu povo e do reino até eu retornar, por favor. Consegues ouvir-me, Ámon? Ámon? — As minhas lágrimas saem acompanhadas de soluços. Uma dor cresce-me no peito quando o vejo desabar. Ele está tão destroçado e eu não posso fazer nada para o consular. — Não desistas, Ámon!

Quando o vejo começar a afastar-se, não resisto e coloco a minha mão no vidro que o trespassa e nesse momento entendo o que Zeus queria dizer. Uma dor lancinante atinge o meu corpo. Um grito de agonia liberta-se dos meus pulmões e ecoa por todo o espaço, fazendo a minha garganta arranhar. Finalmente, consigo retirar o braço e observo a pele queimada e marcada pelo contato com o mundo além do espelho. A dor física mistura-se com a angústia emocional, mas permaneço determinada a enfrentar o desafio que me foi apresentado.

— O que é que aconteceu? — Consigo ver uma silhueta feminina atravessar a porta de mármore com rapidez na minha direção. Os cabelos negros cobrem o seu rosto quando se debruça para observar o meu braço. O vestido curto prateado que enverga faz o negro do cabelo sobressair. Vejo um brinco em forma de arco e flecha evidenciar-se: Ártemis. — Tu tentaste atravessar o espelho mesmo depois de todos os avisos?

— Ele precisava de mim. — Tento falar apesar da dor insuportável que tomava conta de todo o meu corpo.

— Rapariga ingênua, Zeus alertou-te! Não o podes fazer antes de resolves o enigma. — A Deusa levanta o meu corpo com facilidade e deita-me na

cama. Em seguida, pega-me no braço e com cuidado passa a mão por cima, curando todos os ferimentos.

— Obrigada. — Os seus olhos cor caramelo olham-me profundamente, e por momentos consigo sentir algo dentro de mim a curar, tal como o meu braço.

— Tens de ter cuidado. Aquilo pode sugar-te e vais parar ao submundo. — Ártemis baixa o olhar para o chão, parecia tentar esconder uma dor profunda. — Mais concretamente, às mãos de Hades. Tem cuidado.

— Mas porquê...

Dito isto, ela sai do espaço sem que eu consiga terminar. Deixo-me cair nas almofadas, o meu cérebro invadido por memórias da batalha, o enigma e Ámon destroçado. Estive três dias desmaiada? Ele disse que já tinham passado três dias. Sem me aperceber, no meio deste turbilhão de emoções, os meus olhos pesam e dou por mim a cair num sono assombrado, onde do outro lado do espelho, um ser com olhos negros e uma mão suja de cinza e comprida me agarra o braço: Hades.